

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FAMAT - FACULDADE DE MATEMÁTICA**

**PEDRO ERNESTO NASCIUTTI FILHO**

**Memórias da Escola Rural Paz e Amor do Distrito do Bálsamo em Tupaciguara –  
Minas Gerais**

UBERLÂNDIA, MG  
JUNHO - 2022

**PEDRO ERNESTO NASCIUTTI FILHO**

**MEMÓRIAS DA ESCOLA RURAL PAZ E AMOR DO DISTRITO DO  
BÁLSAMO EM TUPACIGUARA - MINAS GERAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Matemática da Universidade Federal de  
Uberlândia UFU, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Matemática.

**Orientador:** Prof. Dr. Douglas Marin

UBERLÂNDIA, MG  
JUNHO - 2022

**PEDRO ERNESTO NASCIUTTI FILHO**

**MEMÓRIAS DA ESCOLA RURAL PAZ E AMOR DO DISTRITO DO  
BÁLSAMO EM TUPACIGUARA - MINAS GERAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Matemática da Universidade Federal de  
Uberlândia UFU, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Matemática.

**Orientador:** Prof. Dr. Douglas Marin

**Comissão Examinadora**

---

Profª. Dra. Mirian Fernandes Carvalho Araújo  
(FAMAT – UFU)

---

Prof. Dr. Lúcio Borges de Araújo  
(FAMAT – UFU)

---

Prof. Dr. Douglas Marin (Orientador)  
(FAMAT – UFU)

Resultado:

Uberlândia (MG), 9 de junho de 2022.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

Dedico este trabalho à memória de minha mãe, pelo exemplo de coragem, perseverança e simplicidade em seus objetivos, e que sempre com muito carinho me ensinou o caminho da justiça, do bem e da hombridade. De onde a senhora estiver, compartilho desta alegria e realização.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por atender todas as orações direcionadas a Ele: pedindo força, resiliência e coragem para enfrentar todas as dificuldades as quais passei durante todo o curso. Sempre me socorrendo espiritualmente, me cobrindo de serenidade e sensatez para continuar seguindo sempre em frente.

Ao meu pai Pedro Ernesto, grande encorajador, exemplo de ser humano e de profissional da educação. A minha esposa Luziane, que por muitas vezes assumiu responsabilidades para que eu pudesse me dedicar aos estudos, sempre me incentivando, me encorajando e me apoiando em todas as situações, favoráveis e adversas... Te amo meu bem. As minhas irmãs, Flaviane e Leticia. Parceiras e amigas de toda a vida. Aos familiares, tios, tias, primos e sobrinhas. Minha avó materna “Dona Duquinha”, um exemplo ímpar de profissional da educação, onde quem passou pelos seus ensinamentos, lhes são agradecidos até hoje.

A todos os profissionais e alunos da Escola Municipal Paz e Amor, na pessoa da diretora Inês, os quais contribuíram imensamente para a realização deste trabalho.

Ao Prof. Douglas Marin, meu orientador, por acreditar na realização deste trabalho, pelo seu incansável e permanente encorajamento e também pela disponibilidade dispensada a mim. Minha tutora presencial Carla, sempre munida de paciência, sensatez e carinho. A UFU por oferecer todo o necessário para que concluísse este trabalho. Agradeço a todos os professores e tutores por todos os incentivos e correções que só me engrandeceram.

Aos meus colegas de curso, Renato Fernandes e Mellyssa Rocha. Vocês têm grande parcela de contribuição na minha graduação e sempre serei muito grato.

E também a minha filha Luisa. Isto é para você e por você, minha filha... No anseio de poder te proporcionar uma vida melhor, busquei incansavelmente ser o melhor no que me propus, para que você aprenda a caminhar se espelhando em mim. Sei que no íntimo de seu coração, você compreende todos os momentos em que estive ausente para o desenvolvimento deste trabalho. “Daddy loves you three thousand!”

## RESUMO

O presente trabalho é uma elaboração de uma narrativa sobre a criação e a vivência da escola rural Paz e Amor, localizada no distrito de Bálamo, na cidade de Tupaciguara, Minas Gerais, mobilizando a metodologia de História Oral na Educação Matemática. Dessa forma, além das fontes orais foram utilizadas outras fontes, como escritas e iconográficas. Através desse trabalho, de cunho historiográfico, foram levantadas a partir da memória de nossos colaboradores, algumas questões: como a criação da escola, do laboratório de informática, sobre a escola ter sido multisseriada e como era a estrutura da escola. A contribuição desse estudo está na elaboração de cursos, oficinas e palestras para o professor que leciona matemática na escola rural e seus estudantes.

**Palavras chave:** Escola Rural. História Oral. Formação de professores. Balsamo. História da Educação Matemática.

## **ABSTRACT**

This paper aims is an elaboration of a narrative about the creation and the experience of the rural school Paz e Amor, located in the district of Balsamo in Tupaciguara, Minas Gerais. Mobilizing the methodology of Oral History in Mathematics Education. Thus, in addition to oral sources, other sources were used, such as written and iconographic. Through this historiographical work, elements were raised that contribute to understandings about the training of teachers who teach mathematics in rural schools during the period under study, thus contributing to decision-making for the creation of courses in the initial training of mathematics teachers for act in this teaching environment.

**Keywords:** Rural School. Oral History. Teacher training. Balm. History of Mathematics Education.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Localização.....	32
<b>Figura 2</b> – Quadra Poliesportiva.....	35
<b>Figura 3</b> – Entrada Principal da Escola.....	37
<b>Figura 4</b> – Imagem externa da Escola.....	37
<b>Figura 5</b> – Placa de Inauguração do Laboratório de Informática.....	39

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I – Educação no Campo .....	13
CAPÍTULO II – Textualização das Entrevistas .....	17
2.1 – Marilda Dias Borges .....	17
2.2 – Pedro Ernesto Nasciutti .....	21
CAPÍTULO III – História Oral como metodologia de pesquisa .....	24
3.1 – Procedimentos metodológicos .....	29
3.2 – Roteiro de entrevista .....	31
CAPÍTULO IV – Uma Narrativa sobre a História da Escola Rural “Paz e Amor” .....	32
4.1 – Conhecendo a Escola .....	32
4.2 – A estrutura da Escola .....	36
4.3 – O Laboratório de Informática .....	39
4.4 – Escola multisseriada .....	42
4.5 – Evasão escolar .....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
REFERÊNCIAS .....	46

## INTRODUÇÃO

O presente estudo nasce de minha vivência na Escola Municipal Paz e Amor “Professor Samuel Severiano da Cunha”, situada na zona rural do povoado do Bálsamo, na cidade de Tupaciguara em Minas Gerais.

Tenho certo carinho pela instituição de ensino, pois tive a oportunidade de trabalhar e prestar serviços quando era funcionário municipal na área de tecnologia de informática na cidade de Tupaciguara. Isso ocorreu entre os anos de 2009 e 2010, quando atuei como laboratorista de informática. Além disso, três gerações de minha família contribuíram para o desenvolvimento dessa escola, todos como professores, sendo meu avô, meu pai e por último, minha irmã.

Essas inquietações me sinalizaram para a elaboração desse estudo de cunho historiográfico sobre essa escola. No entanto, não sabia o que fazer e a quem recorrer, pois as dúvidas as quais me cercavam eram imensas e inacabáveis.

Por morar no mesmo condomínio que o professor Douglas, entre alguns de nossos bate-papos pelas dependências de nosso local em comum, conversamos sobre as minhas idéias e sobre o que gostaria de desenvolver em uma possível pesquisa. Ele aceitou me orientar neste estudo.

A partir disso, comecei a pesquisar sobre a escola e falar com pessoas que tiveram algum tipo de contato com a mesma. Surpreendi-me muito com tudo que descobri sobre a escola, sobre as características de seu prédio, tais como salas de aula e os usos da estrutura da escola para o assistencialismo junto à comunidade.

Decidimos<sup>1</sup> escrever uma memória da escola, em outras palavras, elaborar uma história, um documento histórico a partir das memórias de pessoas que, em algum período da existência dessa escola contribuíram de alguma forma.

---

<sup>1</sup> A partir deste momento iniciamos a escrita do texto usando a primeira pessoa do plural, pois entendemos pesquisa como uma parceria entre aluno e orientador.

Mobilizamos a História Oral por meio de entrevistas. Nesse exercício metodológico, um de nossos interlocutores foram uma funcionária que nasceu no povoado do Bálsamo, e um professor efetivo da escola. Queríamos olhar também a partir da memória de nossos colaboradores, algumas questões: como a criação da escola, do laboratório de informática, sobre a escola ser sido multisseriada e como era a estrutura da escola.

Este trabalho de conclusão de curso estrutura-se por esta introdução e mais quatro capítulos. No primeiro capítulo, nomeado de “Educação do Campo”, procuramos elaborar um estudo junto a legislação e pesquisas atuais apontando aspectos que tratam sobre as escolas rurais. O capítulo dois, intitulado por “Textualizações das entrevistas”, apresenta as textualizações de todas as entrevistas realizadas com os depoentes. “História Oral como metodologia de pesquisa”, é o terceiro capítulo deste trabalho, onde apresentamos a metodologia da pesquisa e os procedimentos metodológicos. Por fim, apresentamos o quarto capítulo intitulado “Uma narrativa sobre a história da Escola rural Paz e Amor”, que foi disparada a partir do nosso olhar para as textualizações do grupo de entrevistados. Encerrando, apresentamos algumas considerações e as referências bibliográficas deste texto.

# CAPÍTULO I

## EDUCAÇÃO DO CAMPO

Desde o período do Império no Brasil, o país foi essencialmente considerado agrário. No entanto, a educação rural não foi mencionada nas constituições de 1824 e 1891. Segundo Leite (1999), por volta das primeiras duas décadas do século XX, com um grande movimento migratório populacional que houve do campo em busca de áreas onde se iniciava um processo de industrialização, mostra-se um despertar da sociedade brasileira em relação ao campo.

Dufeck (2017), Câmara (2017) e Deoti (2018) em suas pesquisas mostram alguns movimentos em relação à educação do campo. Até o final da década de 1930 indicam que houve um ruralismo pedagógico. Ainda na tentativa de expandir o ensino e preservar a cultura do homem do campo, ao fim da mesma década, surgiu a Sociedade Brasileira de Educação Rural.

Com o objetivo de uma educação com um viés de proteção e assistência ao homem do campo, na década de 1940, foi criada a Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais. Além disso, foram instaladas as Missões Rurais e instituída a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

Leite (1999) aponta que na década de 1950, houve uma preocupação com a formação de técnicos responsáveis pelo desenvolvimento de projetos de educação e programas de melhoria de vida e, com isso, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural e o Serviço Social Rural.

Dufeck (2017) indica que na década de 1960, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº. 4024/61a educação rural foi deixada a cargo dos municípios.

Art. 29. Cada município fará, anualmente, a chamada da população escolar de sete anos de idade, para matrícula na escola primária. Art. 32. Os proprietários rurais que não puderem manter escolas primárias para as crianças residentes em suas glebas deverão facilitar-lhes a frequência às escolas mais próximas, ou propiciar a instalação e funcionamento de escolas públicas em suas propriedades. Art. 105. Os poderes públicos instituirão e ampararão serviços e entidades, que mantenham na zona rural escolas ou centros de educação, capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e o estímulo de vocações e atividades profissionais (BRASIL, 1961).

Cordeiro (2020) e Dufeck (2017) apontam que, apenas na década de 1980, com a aprovação da Constituição de 1988, a educação foi destacada como um direito de todos e dever do Estado e da família (BRASIL, 1988).

O reconhecimento da educação do campo ganha o destaque somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9394/96, no art. 28 quando é dito que

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, p.16).

Notamos que mesmo com tantos avanços na legislação educacional a educação do campo pouco tem avançado em termos práticos. “A realidade encontrada, por vezes, nem sequer se aproxima daquelas propostas nos documentos oficiais. A Educação do Campo esbarra em dificuldade que extrapolam a esfera de caráter pedagógico e adentram a esfera política e social” (CÂMARA, 2017, p. 15).

De acordo com o MEC (2007, p.18) as pesquisas realizadas pelo Inep, apontam que as principais dificuldades em relação à educação do campo são:

- insuficiência e precariedade das instalações físicas da maioria das escolas;
- dificuldades de acesso dos professores e alunos às escolas, em razão da falta de um sistema adequado de transporte escolar;
- falta de professores habilitados e efetivados, o que provoca constante rotatividade;
- falta de conhecimento especializado sobre políticas de educação básica para o meio rural, com currículos inadequados que privilegiam uma visão urbana de educação e desenvolvimento;
- ausência de assistência pedagógica e supervisão escolar nas escolas rurais;
- predomínio de classes multisseriada com educação de baixa qualidade;
- falta de atualização das propostas pedagógicas das escolas rurais;
- baixo desempenho escolar dos alunos e elevadas taxas de distorção idade-série;
- baixos salários e sobrecarga de trabalho dos professores, quando comparados com os que atuam na zona urbana;
- necessidade de reavaliação das políticas de nucleação das escolas e da implementação de calendário escolar adequado às necessidades do meio rural.

Para Câmara (2017, p. 15) “a Educação do Campo ainda é tratada de maneira pejorativa, principalmente no que tange ao processo de ensino, isto é, em geral o ensino não se coaduna com a identidade e realidade do campo e por vezes é algo meramente mecânico e sem sentido para o sujeito que lá está”.

A partir dos estudos de Deoti (2018) percebemos outros movimentos que, de certa forma, contribuíram para a Educação do Campo, como as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo que tratam especificamente sobre a

escola do campo, reconhecendo sua importância; e, o Plano Nacional de Educação (PNE 2014 – 2024) que estabeleceu como estratégia “estimular a oferta do ensino fundamental, em especial dos anos iniciais, para as populações do campo, indígenas e quilombolas, nas próprias comunidades”.

Em relação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2016, ela orienta que

“a Educação do Campo fundamenta suas ações de acordo com a LDB, mas contempla adequações necessárias às peculiaridades da vida no campo e de cada região, definindo componentes curriculares e metodologias apropriadas às necessidades e interesses dos educandos, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola, às condições climáticas e às características do trabalho do campo, retratando as lutas e a resistência dos povos do campo pelo acesso e a permanência na terra” (BRASIL, 2016, p.36).

A BNCC (2016) propõe conteúdos curriculares comuns a todos. Nesse sentido, ela aponta para as especificidades, como a da população do campo. Desta forma é garantida a oferta de educação, com currículos e metodologias adequados à escola do meio rural, adaptando a escola ao meio em que está inserida.

Para finalizar, apoiados em Deoti (2018) percebemos que ao longo dos anos, esses documentos indicam que houve avanços em relação à Educação do Campo. Eles consolidam a importância da preservação da cultura e dos conhecimentos da comunidade do Campo. Para nós, ter uma escola inserida no seu meio, tanto fisicamente quanto culturalmente, faz a população do campo sentir-se respeitada como parte da sociedade, oferecendo sensação de pertencimento e valorização.



## CAPÍTULO II

### TEXTUALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Nesse capítulo apresentamos as textualizações das entrevistas dos participantes da pesquisa.

#### 2.1-Marilda Dias Borges



Fonte: Dados da pesquisa

Meu nome é Marilda Dias Borges, moro no povoado dos Bálsamos desde que nasci, estudei nesta escola desde o início de minha vida escolar onde cursei até a sétima série do fundamental.

Tivemos que nos mudar para Tupaciguara onde minha irmã mais velha precisava continuar seus estudos e aqui ainda não tinha o ensino médio. Após concluir meus estudos já na cidade, fiz Administração de Empresas na ULBRA (Universidade Luterana do Brasil) em Itumbiara, Goiás e depois fiz Pedagogia e uma pós-graduação em Supervisão e Orientação neste mesmo local que busquei a graduação.

Sou efetiva na Secretaria Municipal de Educação como oficial administrativo desde 1998, sempre aqui na Escola Municipal Paz e Amor e passei em todos os setores, de acordo com cada gestão. Comecei como secretária, depois para a biblioteca, monitora de informática, vice direção e atualmente estou como supervisora pedagógica do pré-escolar até o 5º ano. Na Escola Municipal Paz e Amor não cheguei a ministrar aula, porém em algumas ocasiões sou escalada para substituir algum professor, tirando isso, assumir sala de aula, não.

No início dos anos 2000, a contratação de professores era basicamente como é hoje, por meio de concurso onde os servidores são efetivos. Também existe a contratação que é anual, dependendo da demanda da escola, mas a maioria do pessoal daqui é efetiva. Os que trabalham por contrato são poucos, por exemplo, da educação infantil até o 5º ano são todos efetivos. Às vezes, nos anos finais do fundamental e ensino médio precisam de alguma contratação.

Nesta época, quando me efetivei, era muito bom ser funcionária da escola, sou meio suspeita para falar. Sendo nascida e criada no povoado e sempre estudando nesta escola acaba por criar uma ligação muito forte com o pessoal que é da região e também por trabalhar aqui, visto que é o único lugar no povoado que oferta emprego de maneira fixa, digo assalariada.

Antes de me efetivar no município, cheguei a ministrar aula na Escola Estadual Arthur Bernardes, uma escola estadual situada na cidade de Tupaciguara. Posso dizer que comparando essas duas escolas temos muita diferença.

Na escola rural existe muito assistencialismo para a comunidade, aqui não é somente a escola. Existem sim as coisas legais da escola, mas existe também o apoio da escola para a comunidade, o pessoal da comunidade depende em muitos fatores da escola, como por exemplo, campanhas de saúde, de vacinação e outras frentes que não é

ligada à educação. A escola é um ponto de comunicação e encontro da comunidade residente no povoado com a cidade.

Por ser ligada a Secretaria de Educação, enquanto vice-diretora e sabendo que a secretaria tem uma equipe pedagógica que dá suporte ao pessoal das escolas, era nesta equipe que buscávamos apoio educacional e pedagógico. Eram bem frequentes as solicitações de apoio, apesar de que muda a cada gestão, mas sempre tivemos esse apoio.

Nunca tivemos inspetor de ensino, esta frente estava sempre situada dentro da Secretaria Municipal de Educação. Assim, essa responsabilidade sempre ficou com os supervisores pedagógicos nas escolas e com a equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação.

A escola sempre teve este tamanho, estamos falando do início dos anos 2000. Tivemos algumas alterações, por não formar algumas turmas, transformamos algumas salas de aula em biblioteca e laboratório de informática. Na gestão passada houve uma ampliação juntamente com uma reforma, troca de telhado, de piso, pintura, conservação geral do prédio. Ainda existe a necessidade de algumas salas passarem por esta melhoria.

Na época, visto que a escola funciona nesse prédio desde 1953, tivemos uma movimentação da religião espírita muito grande, para instalar a escola onde estamos hoje. A comunidade espírita que fez a doação do terreno, inclusive o terreno ainda está no nome deles e foi isso que alavancou a profissionalização da escola. O prédio sempre foi esse temos até a parte mais antiga da escola que é em estrutura de barro, só em tempos depois, que vão reformando, trocando reboco, movendo paredes fica parecendo que é novo, mas a estrutura é realmente feita no barro. Depois, as ampliações que vieram acontecendo foram com estruturas mais modernas.

Nesta época deste período que estamos falando, o material didático era doado pelo governo, que era diferente da época que eu estudava. Na minha época eram os pais que compravam livros e materiais. Então, desta época que entrei como servidora, eram livros doados pelo governo, tendo certo tempo de uso, e depois era feita a troca, que geralmente é de quatro em quatro anos.

A evasão escolar aqui sempre foi muito baixa, por ser uma escola seriada e as crianças da comunidade optar por estudar aqui, onde não tinham muitos recursos para mudar de escola. Mas devido ao alto êxodo rural, onde diminuiu muito os moradores

das fazendas, devido a casas cedidas por fazendeiros foram desativadas devido a leis trabalhistas, isso fazendo com que diminuísse muito o número de alunos.

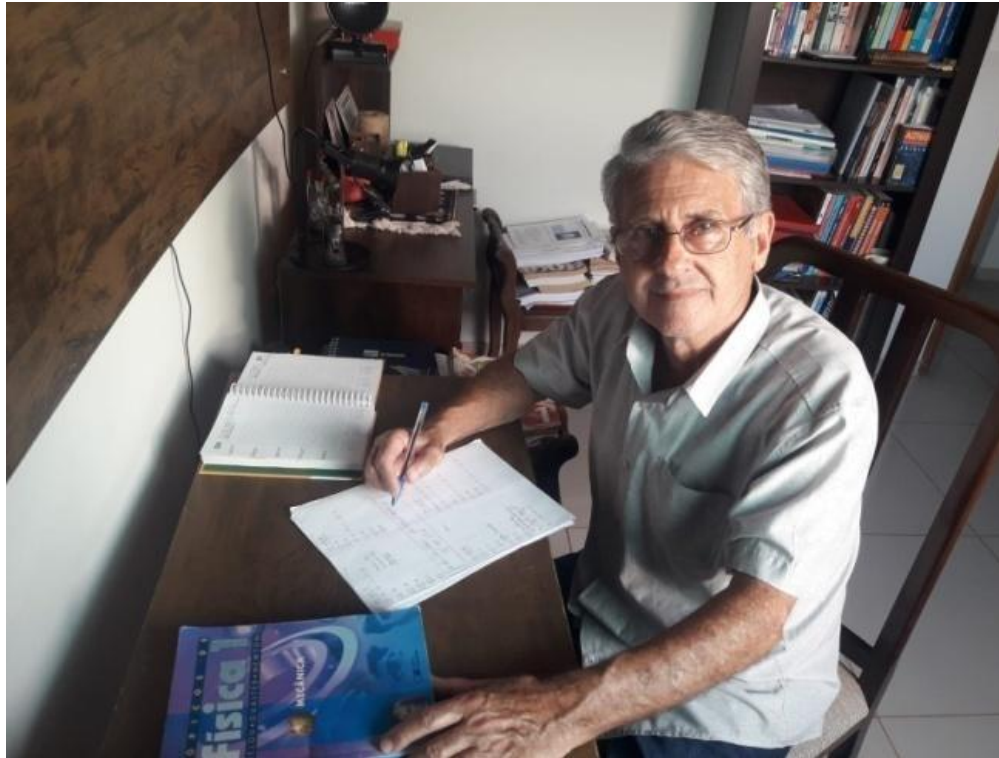
De alguns anos para cá, por volta de dez anos, começaram a implantar em algumas ocasiões salas multisseriadas, dependendo do número de alunos. Nós temos aqui uma sala multisseriada de 1º e 2º anos, por ter poucos alunos, juntam-se as salas. As dificuldades de uma sala multisseriada começam no planejamento. São duas turmas diferentes, com conteúdos diferentes e ter que administrar e dar aulas diferentes ao mesmo tempo, é bastante complicado. Livros diferentes, planejamentos diferentes, plano de aula diferente, realmente são muito complicados pro professor e pros alunos também. Isso compromete o rendimento.

Um fato marcante que aconteceu no período em questão foi a inauguração do laboratório de informática acontecido em 2001. Ali foi o primeiro contato de muitos alunos, talvez de todos, com os computadores. Nesta época eu era vice-diretora e junto do corpo docente e da direção e supervisão da escola, realizei diversos e variados trabalhos, envolvendo as mais variadas frentes para fazer com que esse laboratório funcionasse.

Outro tipo de evento também eram as festas. A escola não possuía tradição em fazer eventos para arrecadar fundos para investir em melhoria para a escola. Assim, as festas juninas de hoje são uma tradição do nosso povoado.

Por ser uma comunidade muito unida, existe um mutualismo entre centro espírita, igreja católica, escola e moradores. Sempre quando alguém precisa de ajuda juntam-se todos e movem uma frente para auxiliar.

## 2.2 - Pedro Ernesto Nasciutti



Fonte: Dados da pesquisa

Sou Pedro Ernesto Nasciutti, inicialmente formei em Engenharia Elétrica no ano de 1971 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), paralelamente ao meu curso ministrei aulas de Matemática em Belo Horizonte, no Colégio Independência.

Logo que me formei passei a exercer minha profissão como engenheiro e vários anos depois que deixei esse emprego, tive convite em Tupaciguara a voltar a praticar o magistério entre os anos de 1986 a 1989 na disciplina de Física que está muito relacionada a engenharia e assim fui contratado por uma escola particular para lecionar, bem como lecionar também em uma escola estadual na cidade de Tupaciguara no ano de 1989.

Depois que parei de lecionar nesta escola particular em Tupaciguara e como contratado do estado de Minas Gerais, ingressei na Universidade Federal de Uberlândia me licenci em Física no ano de 2004, e aí sim, já aposentado pelo INSS, prestei concurso no estado de MG e no município em ambos para professor de Física, sendo contemplado nestas duas áreas públicas.

Minhas aulas sempre foram organizadas através de livros didáticos. Resumo, preparação de exercícios e exemplos, basicamente foi isso aí.

Nesta época, quando já professor titular do município de Tupaciguara no ano de 2005, quando se diz respeito à contratação de professores, era via concurso público. Existia a contratação anual, mas essa não me interessava. Eu parti de um simples professor recém formado para efetivação em concurso público.

Eu sou concursado como professor desde 2005, sempre exercendo a profissão na Escola Municipal Paz e Amor, então de 2005 até o presente momento, são 16 anos de magistério.

No início de minha docência, na “Escola Municipal Paz e Amor” algumas coisas mudaram. O que mais me chamou a atenção foi a parte da inclusão do aluno dentro e simplesmente em seu papel de aluno. Acho que o aluno, por motivos familiares, passou a ter menos responsabilidades quando se diz respeito às atividades escolares. Porém, para o professor não mudou nada não, pois para um professor com uma boa formação qualquer época é época para ele dar aula. Para um bom profissional as portas sempre estarão abertas em quaisquer das situações.

As orientações pedagógicas eram sempre feitas pela supervisão da escola, direcionadas pela Secretaria Municipal de Educação de Tupaciguara. No ‘Paz e Amor’ eram feitas por pedagogas lotadas na Secretaria Municipal de Educação, uma vez que visavam a especialização do aluno e a motivação do professor para dar aula.

Sempre tivemos o incentivo e motivação por parte da Secretaria Municipal de Educação. Não tinha uma periodicidade certa, era sempre quando necessitada, a supervisão e orientação como meio de transmissão da Superintendência de Ensino de Uberlândia, um órgão que regulamenta e fornece as diretrizes da educação na nossa região, fazia chegar as orientações aos professores.

A ‘Escola Paz e Amor’ passou por várias mudanças. Tivemos ampliações, reformas como a cobertura da quadra poliesportiva, mas o espaço sempre se manteve o mesmo.

O espaço físico entenda como sala de aula, era muito crítico. Não tinha conforto, calor exorbitante. Tivemos melhoras gigantescas para os alunos e para os professores.

Apesar de ser professor efetivo de Física, já ministrei aulas de Matemática. Trabalhando desde o conteúdo do ensino fundamental, a partir do 6º ano, até os três anos do ensino médio. Enfim, lecionei em todas essas séries estas somente seriadas.

As aulas eram orientadas e seguidas por um livro didático. Estes livros eram escolhidos por uma classe de professores e doados pelo governo.

A evasão dos alunos acontecia, algo de certa forma perceptível, agora com a pandemia piorou ainda mais. Na época era menor, o aluno tinha mais responsabilidade.

Antes da fundação do prédio, a escola funcionou em alguns momentos como multisseriada. Porém, após a instalação, não somente nos últimos meses, devido a pandemia e a possibilidade de opção em assistir aula, modificaram esses meios.

Sempre existiu influência das questões culturais e sociais da comunidade na escola. A comunidade sempre fez questão em participar das atividades da escola, quaisquer que sejam participando e colaborando sempre.

## **CAPÍTULO III**

### **HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA**

Optamos por mobilizar como metodologia de pesquisa a História Oral, pois entendemos que ela nos auxilia a construir uma versão historiográfica e também nos credencia a compreender os objetos que essa investigação pretende focar sobre a Escola Municipal Paz e Amor “Professor Samuel Severiano da Cunha”. Nesse sentido, a História Oral pode ser compreendida como:

[...] uma metodologia de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2004, p.18).

Segundo Garnica (2005), a metodologia não é somente um conjunto de procedimentos que devemos seguir para desenvolver uma pesquisa, é a relação dos procedimentos e nossos conhecimentos:



Um método sempre traz, em si, a noção de eficácia. Trata-se de engendrar um mecanismo que, de modo julgado eficaz, nos dê pistas para compreender determinada situação, resolver determinado problema, responder a determinada questão ou encaminhar determinados entraves. A eficácia, porém, será julgada segundo os pressupostos teóricos e vivências do pesquisador, e esse é o motivo principal de não se poder apartar uma metodologia de uma concepção de mundo e dos fundamentos teórico-filosóficos do pesquisador. Uma metodologia, porém – e, portanto, – não é um conjunto de métodos que possa ser tratado de um modo meramente procedimental. Isso pretende significar que os limites das metodologias e de seus pressupostos teóricos devem ser séria e continuamente testados, confrontados, avaliados. (p.6-7)

É importante salientar que a metodologia não é somente a realização das tarefas, ou seja, que não basta somente realizar os procedimentos que são propostos pela História Oral. A metodologia nos chama e nos confronta com os nossos conhecimentos e os procedimentos, nos testa para verificar se está sendo válida ou não a utilização desta metodologia de pesquisa para alcançar seus objetivos, se esta se adéqua à teoria que se mostrou mais consistente para avançar em relação às fontes produzidas.

Uma das principais características do trabalho com História Oral é a construção intencional de fontes e o diálogo com fontes de várias naturezas, como documentos e impressos. A partir dessas prerrogativas, podemos exercitar uma diversidade de interpretações e caminhar rumo a uma proposta de configuração coletiva, descentralizada e dinâmica, focalizando nas narrativas criadas a partir da oralidade dos professores/professoras que foram entrevistados.

Nesse sentido, um dos principais alicerces de um trabalho que mobiliza essa metodologia é a narrativa, uma vez que um acontecimento, uma situação vivida e uma experiência do entrevistado não podem ser transmitidas a outrem sem que sejam narrados. As narrativas são os modos de romper com essa incomunicabilidade.

Garnica (2014, p.58) afirma que as narrativas “são as matérias-primas por excelência de todo um processo hermenêutico que, entretanto, não dispensa narrativas

outras, como por exemplo, as escritas”. Podemos acrescentar que as narrativas podem ser entendidas como pano de fundo de nossas práticas de pesquisa.

As narrativas resultantes das pesquisas em História Oral e Educação Matemática, registradas em momentos de entrevista, são sobre histórias de professores e as histórias contadas por eles, sobre suas vivências e experiências, seus discursos sobre o modo como tais vivências e experiências se deram. As narrativas são as inventoras de práticas. Com elas, criamos realidades, interpretamos vidas e formação de seres humanos.

Desse modo, nos estruturamos por meio delas, seja enquanto autores ou quando narradas por outras pessoas, que direta ou indiretamente nos envolvam. Além disso, em Garnica (2010, p. 34-35) temos que nas narrativas, então, reside a própria possibilidade e potencialidade do que temos chamado História Oral, e tratamos de pensá-las não mais como constituindo “a” história, mas como constituidoras de histórias possíveis, versões legitimadas como verdades dos sujeitos que vivenciaram e relatam determinados tempos e situações. Tanto quanto é a descrição para a pesquisa qualitativa, as narrativas orais fixadas pela escrita são tomadas como fontes históricas, intencionalmente constituídas, que não estão subjugadas a um critério de valor definido por meio da “realidade” e da “concretude” do mundo.

Para compor essa história que propomos contar, mais especificamente os colaboradores da pesquisa foram constituídos por professores que, de algum modo, vivenciaram os ambientes da Escola Municipal Paz e Amor.

A entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) da metodologia de História Oral. Para realizá-la, não há uma única receita ou diretriz. A literatura aponta algumas orientações e observações, ao pesquisador, para a produção de entrevistas mobilizando a História Oral:

- 1- Ter consciência de que não existe neutralidade do pesquisador desde a escolha pelo tipo de entrevista até qualquer outro instrumento de coleta de dados ou fontes.
- 2- Respeitar os princípios éticos e de objetividade na pesquisa, lembrando que nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões. Todas as conclusões são provisórias, pois podem ser aprofundadas e revistas por pesquisas posteriores.

3- O pesquisador não deve se apropriar da entrevista somente como uma técnica de coleta de dados, mas como parte integrante da construção do objeto de estudo.

4- A entrevista compreensiva não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação. Dar preferência a perguntas mais abertas e a um roteiro flexível.

5- Reservar um tempo relativamente longo para a realização da entrevista.

6- Fazer uso de elementos que evoquem a memória do entrevistado como fotografias, recortes de periódicos e menção a fatos específicos podem facilitar o desenvolvimento do trabalho.

7- Construir fichas que organizem e orientem as futuras fontes orais. Devem-se privilegiar dados como: nome do entrevistado, número da entrevista que vai representar dentro do universo da pesquisa, idade do entrevistado, endereço, local onde foi gravada a entrevista, nome do entrevistador, idade, profissão, religião, data das entrevistas realizadas com o informante, em que fitas (previamente numeradas) estarão gravadas as entrevistas, em que páginas da transcrição se encontrarão referências a determinados temas e se há alguma restrição ao acesso às informações.

8- No início da entrevista, gravar informações como: nome do entrevistado, do(s) entrevistador (ES), data, local e finalidade do trabalho.

9- Providenciar um Termo de Consentimento Informado, onde fique bem claro ao entrevistado: a) finalidades da pesquisa; b) nome do informante e número do documento pessoal, como RG; c) se a divulgação da entrevista oferece riscos ou prejuízos à pessoa informante; d) permissão ou não para divulgar o nome do informante (caso não seja permitido, orienta-se que se produza uma declaração para esse fim no verso do termo, sendo assinado por ambas às partes (pesquisador e entrevistado), podendo o informante optar por um pseudônimo; e) cedência dos direitos

de participação do entrevistado e seus depoimentos para a pesquisa em questão; f) abdicação dos direitos autorais do entrevistado e de seus descendentes; g) data e assinatura do termo pelo participante e pesquisador – torna-se importante, nesse item, anexar ao termo que será assinado por ambas as partes, a transcrição da entrevista (SILVEIRA, 2007, p.39).

Concordamos com Martins-Salandim (2012, p. 54) que a entrevista não é conduzida apenas pelo entrevistador e roteiro de entrevista,

o entrevistado, seu modo de narrar e suas experiências interferem diretamente na entrevista proposta pelo entrevistador. O eixo condutor é determinado pelo narrador e não pelo entrevistador, ainda que este tenha estabelecido e comunicado àquele, com antecedência, os temas de seu interesse [e da pesquisa].

O tom do narrador ganha em compreensão, servindo como um espaço para rememoração do passado, proporcionado por esse momento que ecoa em sua narrativa, ou melhor, o depoente sente-se mais livre durante a entrevista, podendo com isso ter uma melhor reflexão ao expor situações, para rememorar acontecimentos e expressões de ressentimentos e realizações. Ao narrar suas experiências, os professores se colocam em situações de interpretar suas construções sobre as constituições de suas histórias vividas, sentindo-se personagens, podendo desse modo, expor um passado que está guardado em suas memórias.

Após as entrevistas, os depoimentos gravados passaram por um processo chamado transcrição. A transcrição é um processo literal, rigoroso, isolado e, por vezes, cansativo: constituindo um primeiro registro escrito dos depoimentos orais, trata-se da passagem para o papel da entrevista anteriormente gravada, com todos os erros, gaguejos, vazios, repetições e interferências, sendo o pesquisador o mais fiel possível aos diálogos ocorridos entre pesquisador e colaboradores.

Concomitantemente a este processo, realizamos a textualização, que é o processo de elaboração de um documento escrito, obtido a partir da transcrição. Em hipótese alguma afirmamos ser, esse texto, o concedido pelo entrevistado, mas, sim, um texto

obtido da entrevista, construído juntamente com o entrevistado, que o legitimará, afirmando reconhecer-se no mesmo.

Aos colaboradores foram solicitadas cartas de cessão<sup>2</sup> para que a pesquisador pudesse tornar públicos os registros.

Para terminar, nessa investigação, optamos na História Oral. Ao optar por esta metodologia, é bom ressaltar que de modo algum implica desprezar outras fontes, e essa disposição de usar diferentes fontes quantas forem possíveis criar ou reunir, é fundamental para o uso da História Oral num trabalho cuja natureza é assumidamente historiográfica, como é o caso dessa investigação. Assim, no conjunto das fontes disponíveis e nas fontes criadas com as entrevistas, foi possível compreender um pouco da história da Escola Municipal Paz e Amor “Professor Samuel Severiano da Cunha”.

### **3.1- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Tomando como pano de fundo, pesquisas realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática (GHOEM<sup>3</sup>), entendemos que nas pesquisas que mobilizam a metodologia de História Oral não existe um número máximo ou mínimo de entrevistados. O pesquisador realiza algumas entrevistas e se julgar necessário pode efetuar outras ou repetir entrevistas com as pessoas já entrevistadas com a finalidade de sensibilizar outras memórias dessas pessoas sobre o objeto de estudo.

Neste sentido, as pesquisas produzidas no GHOEM nos fazem defender que uma, ou cinco, ou dez entrevistas podem atender o objetivo da pesquisa. O que define este número é o próprio pesquisador e as próprias entrevistas. Isso também se dá, pois acreditamos que em uma pesquisa qualitativa o nosso interesse não é esgotar o objeto de pesquisa.

O que pretendemos neste estudo é elaborar uma versão histórica sobre a Escola Municipal Paz e Amor, num período pré-definido a partir das memórias de alguns indivíduos. Outras memórias, outros indivíduos, outros períodos, outros pesquisadores podem escrever novas e outras narrativas.

---

<sup>2</sup> Um modelo está no Apêndice A e as cartas de cessão, cedidas pelos nossos colaboradores, estão em poder do pesquisador, isso se deveu por conterem registros dos documentos pessoais de nossos colaboradores, a banca de qualificação sugeriu que elas fossem retiradas do texto final.

<sup>3</sup> Para saber mais visite [www.ghoem.org](http://www.ghoem.org).

Embora compreendamos que metodologia não se trate apenas de procedimentos, adotamos uma série de encaminhamentos os quais nos ajudaram na pesquisa. Inicialmente, fizemos contato com alguns depoentes. Tomamos o cuidado de registrar todas as entrevistas feitas e, junto a outras fontes, buscamos um sentido para essas narrativas, sempre tendo como norte a questão de pesquisa.

Para compor essa história que propusemos contar, os colaboradores da pesquisa foram constituídos por um professor e uma funcionária da instituição de ensino, que de algum modo, vivenciaram os ambientes da Escola Municipal Paz e Amor, sendo assim suficiente entrevistar duas pessoas. Foram entrevistados Marilda Dias Borges e o professor Pedro Ernesto Nasciutti.

A entrevista proposta para ambos tinha praticamente o mesmo roteiro, visto que ambos trabalhavam diretamente com a educação dos alunos. Em alguns pontos a mesma pergunta sofria alguma alteração ou denotação necessária para a ocasião voltada ao ponto de vista profissional do entrevistado, mas partindo da mesma pergunta e buscando a resposta dentro da condição a qual foi pensada.

De acordo com o material coletado via áudio, as entrevistas foram organizadas e montadas em forma de relato. Após, uma redação, subentendendo as perguntas e deixando a escrita fluir de acordo com o que era relatado pelos entrevistados. Desta forma, obtivemos um relato e testemunho contínuo sobre a vivência na escola, demonstrando seus anseios, dificuldades e conquistas.

Além de toda pesquisa realizada voltando o olhar para dentro desse prisma, foi com as entrevistas que pudemos constatar a realidade vivida dentro de uma escola rural.

Ambos os entrevistados se dispuseram de prontidão em atender meu pedido, que foi oficializado documentalmente, e assim pudemos desenvolver essa parte, que é uma das mais importantes desse trabalho. Cederam suas imagens por meio de fotos e foram totalmente prestativos, proporcionando uma experiência de pesquisa inigualável. Foi de grande valia a participação e relato desses profissionais, podendo assim trazer estes detalhes para o desenvolvimento deste trabalho.

Concomitantemente à realização das entrevistas, realizamos visitas a escola, onde conversamos com a atual diretora e funcionários, com o intuito de identificar possíveis depoentes para nossa pesquisa. Além disso, percorremos toda a estrutura da escola, como ao arquivo morto e a biblioteca em busca de fontes escritas, como documentos referentes à escola. No entanto, pouquíssimos registros foram encontrados, sendo algumas fotos e páginas que revelam um histórico da escola.

Na próxima seção, apontamos o roteiro que foi mobilizado para a realização das entrevistas:

### **3.2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

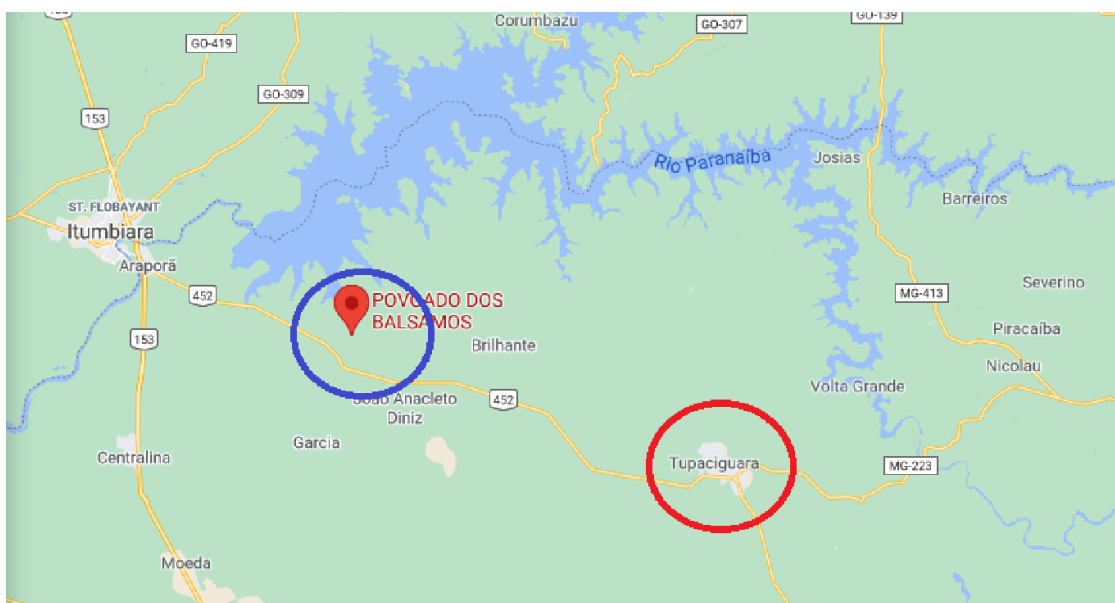
- 1 – Apresentação: Quem sou?
- 2 – Comente como foi sua formação para atuar como professor(a).
- 3 – Como você começou a dar aulas?
- 4 – Como era a organização das aulas?
- 5 – Na época, como era o processo de contratação?
- 6 – Comente quando começou a lecionar nesta escola. Quanto tempo você trabalhou nesta escola.
- 7 – Como era ser professor(a) naquela época?
- 8 – Comente sobre as orientações pedagógicas que recebia. De quem as recebia? Qual periodicidade que recebia?
- 9 – Quais eram as funções do inspetor de ensino?
- 10 – Como se deu a implantação da escola naquele endereço?
- 11 – Como se caracterizava a escola na época da criação em seus aspectos físicos? E depois, nos primeiros anos de funcionamento? Houve mudanças? O nome foi sempre esse?
- 12 – Existiu algum movimento político que influenciou na criação da escola ou algum político que se destacou para que a escola fosse criada?
- 13 – Como era a sala de aula?
- 14 – Quais conteúdos de matemática você ensinava naquela época?
- 15 – Como era o material didático? Que tipo de material didático tinha disponível para que você montasse suas aulas? Como era escolhido o livro ou cartilha?
- 16 – A evasão dos alunos existia?
- 17 – Fale sobre como era esse tipo de ensino multisseriado, todos os alunos numa única sala de aula.
- 18 – Comente sobre as dificuldades em lecionar em uma escola ou ocasião multisseriada.
- 19 – Um fato marcante na história da escola.
- 20 – Existia alguma influência das questões sociais e culturais da comunidade na escola?

## CAPÍTULO IV

### UMA NARRATIVA SOBRE A HISTÓRIA DA ESCOLA RURAL “PAZ E AMOR”

#### 4.1 – CONHECENDO A ESCOLA

A Escola Municipal Paz e Amor “Professor Samuel Severiano da Cunha” localizada na Rua Antônio Borges de Resende, s/n, no Povoado do Bálsamo, em Tupaciguara – Minas Gerais. Para auxiliar no entendimento dessa localidade, apresentamos a Figura I, destacado em cores diferentes.



**Figura 1 – Localização**

Fonte: <https://www.google.com/maps/>



A escola localiza-se a 42 km da cidade de Tupaciguara. Nela, trabalhei entre os anos de 2009 e 2010 como laboratorista de informática. Ela possui uma estrutura aconchegante e bastante bucólica. Em alguns momentos de sua existência seu ensino foi o multisseriado, todavia hoje é estruturado em todos os anos do ensino fundamental e também médio, algo não muito comum em escolas municipais atualmente.

Segundo Marilda Dias, ela

*”funciona nesse prédio desde 1953 tivemos uma movimentação da religião espírita muito grande, para instalar a escola onde estamos hoje. A comunidade espírita que fez a doação do terreno, inclusive o terreno ainda está no nome deles e foi isso que alavancou a profissionalização da escola.”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) (2020), ela foi criada por um ato de 01 de fevereiro de 1953, com denominação de Escola Municipal Paz e Amor, atendendo do 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.

Em 1978, de acordo com a Lei Municipal nº. 1119/78 de 14 de março de 1978 foi criado o curso de 1º grau completo<sup>4</sup> – 1ª a 8ª séries – foi instalada a extensão de séries em 20 de abril, com funcionamento da 5ª série do 1º grau, com autorização da Secretaria de Estado de Educação, por meio da Portaria 115/78.

Em 11 de dezembro de 1978, foi autorizado o funcionamento da 6ª série do 1º grau, pela Secretaria de Estado da Educação, Portaria 433/78. Apenas na década de 1980 houve outras mudanças quando em “17 de março de 1980 foi autorizado o funcionamento da 7ª série do 1º grau pela Secretaria de Estado da Educação, Portaria 136/80” e, em “24 de março de 1980, foi autorizado o funcionamento da 8ª série do 1º grau pela Secretaria de Estado, Portaria 125/81” (PPP, 2020, p. 6).

Apenas em 04 de junho de 1994, a secretaria estadual da educação reconhece o Ensino Médio de acordo com a Portaria 638/94 (PPP, 2020, p. 6).

---

<sup>4</sup> De acordo com a LDB 9394/96 essa nomenclatura passou para ensino fundamental 1 e ensino fundamental 2.

Apesar de todas essas mudanças, com a abertura de novas turmas, o prédio onde a escola funciona

*“sempre foi esse temos até a parte mais antiga da escola que é em estrutura de barro, só em tempos depois, que vão reformando, trocando reboco, movendo paredes fica parecendo que é novo, mas a estrutura é realmente feita no barro. Depois, as ampliações que vieram acontecendo foram com estruturas mais modernas.”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

A Escola Municipal Paz e Amor é um espaço, além de educacional, uma referência no povoado, envolvendo encontros, festas e derivados devido, a seu espaço e carinho cultivado pelos cidadãos que ali vivem. Além disso, Marilda Dias aponta que

*“por ser uma comunidade muito unida, existe um mutualismo entre centro espírita, igreja católica, escola e moradores. Sempre quando alguém precisa de ajuda juntam-se todos e movem uma frente para auxiliar.”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Nessa mesma perspectiva, nosso outro depoente, o professor Pedro Ernesto Nasciutti, destaca que na escola

*“Sempre existiu influência das questões culturais e sociais da comunidade na escola. A comunidade sempre fez questão em participar das atividades da escola, quaisquer que sejam participando e colaborando sempre.”* (Excerto da narrativa de Pedro Ernesto Nasciutti).

Segundo o PPP (2020), atualmente a escola atende aproximadamente 170 alunos em todos os níveis de ensino da educação básica e possui 34 funcionários. Com 13 salas de aulas, 01 sala Recurso Multifuncional, 01 biblioteca, 01 secretaria, 01 sala de supervisão, 01 laboratório de informática, 01 cozinha, 01 sala de professores, 02 banheiros internos e 02 externos, 01 banheiro de acessibilidade, 01 sala de direção, 01

sala de vice direção, 02 depósitos, 01 quadra de esportes coberta com 04 banheiros, sendo 02 de acessibilidade.

Com um ambiente agradável e aberto a comunidade local, os moradores usufruem como um centro de ensino e podem também desfrutar do espaço de suas estruturas, como galpão para eventos, quadra poliesportiva e pomar comunitário. Em destaque na Figura 2, a quadra poliesportiva.



**Figura 2** – Quadra Poliesportiva

Fonte: Dados de pesquisa

Esses aspectos tornam a escola uma referência no povoado do Bálsamo, unindo pessoas, moldando conhecimentos e sendo uma engrenagem bastante útil para a comunidade e suas necessidades.

#### **4.2 – A Estrutura da Escola**

Nesta seção, buscamos evidenciar qual era a estrutura que a escola oferecia (e oferece) para os estudantes, professores e comunidade em geral.

A escola foi fundada em 1953, nesse início *“o espaço físico, entenda como sala de aula, era muito crítico. Não tinha conforto, calor exorbitante. Com o passar dos anos tivemos melhoras gigantescas tanto para os alunos, como para os professores”* (Excerto da narrativa do professor Pedro Ernesto).

*“O prédio sempre foi esse, temos até a parte mais antiga da escola que é em estrutura de barro, só em tempos depois, que vão reformando, trocando reboco, movendo paredes fica parecendo que é novo, mas a estrutura é realmente feita no barro. Depois, as ampliações que vieram acontecendo foram com estruturas mais modernas.”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Como se era de esperar, a escola *“passou por várias mudanças. Tivemos ampliações, reformas como a cobertura da quadra poliesportiva, mas o espaço, onde as aulas aconteciam, sempre se manteve o mesmo”* (Excerto da narrativa do professor Pedro Ernesto).

Vale apontar que as condições de infraestrutura adequadas são temas discutidos em diferentes documentos oficiais. No entanto, ganhou-se mais relevo na Resolução CNE/CEB 2 quando foi revisada em 2008. *“Consta neste documento o direito dos estudantes [...] (a melhores condições) de infraestruturas adequadas, condizendo com a realidade local”* (DEOTI, 2018, p. 21).

Nos tempos que lá estive como funcionário, me marcou nessa escola rural a sua estrutura aconchegante e bastante bucólica. Ela *“sempre teve este tamanho, estamos falando do início dos anos 2000”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Nessa direção, as entrevistas mostram que a escola passou por alguns movimentos que ajudaram na alocação de espaços que foram reaproveitados para outras funcionalidades, como podemos observar na narrativa de Marilda Dias.

*“Tivemos algumas alterações, por não formar algumas turmas, transformamos algumas salas de aula em biblioteca e laboratório de informática. Na gestão passada houve uma ampliação juntamente com uma reforma, troca de telhado, de piso, pintura, conservação geral do prédio. Ainda existe a necessidade de algumas salas passarem por esta melhoria”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

A escola oferece o necessário para o desenvolvimento educacional aos seus estudantes, como por exemplo: internet com banda larga, biblioteca, quadra poliesportiva coberta, laboratório de informática, pátio coberto, pátio descoberto, sala do professor e alimentação.

Na Figura 3 e Figura 4 apresentamos fotos externa da escola.



**Figura3** – Entrada Principal da Escola

Fonte: Dados de pesquisa



**Figura 4** – Imagem externa da Escola

Fonte: Dados de pesquisa

Com essa estrutura melhorada, constatamos por meio das entrevistas a importância da escola em relação aos projetos de assistencialismos. Além de festas que ocorriam para a comunidade para arrecadar algum dinheiro para a melhoria de algum aspecto da escola.

*“A escola não possuía tradição em fazer eventos para arrecadar fundos para investir em melhoria para a escola. Assim, as festas juninas de hoje são uma tradição do nosso povoado.”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Para finalizar, diante desses aspectos constatados pela análise dos depoimentos e apontados acima, percebemos que isto se constitui em uma pequena amostra que nos direciona concluir que muito precisa ainda ser feito para uma melhor exploração do espaço onde a escola está funcionando, talvez um incremento de políticas públicas para escolas rurais. No entanto, não podemos deixar de frisar a garra e o comprometimento da direção e dos professores para esse fim.

### **4.3 – O Laboratório de Informática**

Um ponto que foi apontando nas entrevistas, e é sempre lembrado como marcante, não apenas para a escola, mas para a comunidade dos Bálsamos, foi quando aconteceu a *“inauguração do laboratório de informática acontecido, em 2001”*. (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Segundo nossos depoentes, a criação do laboratório gerou um grande avanço para a comunidade e bem mais aos alunos, pois ali começava a acontecer a inclusão digital dos discentes e em cursos que ocorriam para a comunidade. Ela conquistou um recurso que trouxe benefícios, não apenas para os estudantes, mas para toda a comunidade do bairro do Balsamo, como menciona, Marilda Dias:

*“Foi um espaço construído não só para incluir os discentes, mas também tinha um papel importante para a sociedade local, devido ao acesso à internet e diversos recursos que a*

*informática proporcionava.”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Segundo o professor Pedro Ernesto Nasciutti, nesse espaço, provavelmente *“foi o primeiro contato de muitos alunos, talvez de todos, com os computadores”*. (Excerto da narrativa de Pedro Ernesto Nasciutti).

Pelas entrevistas de nossos depoentes, percebemos que com o laboratório de informática, houve uma mobilização de todos para que esse ambiente fosse um local de muito assistencialismo a comunidade, como aponta Marilda Dias:

*“nesta época, eu era vice-diretora e junto do corpo docente e da direção e supervisão da escola, realizei diversos e variados trabalhos, envolvendo as mais variadas frentes para fazer com que esse laboratório funcionasse.”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Na época em que o laboratório foi criado, trabalhei como instrutor de informática e pude perceber que neste espaço o foco principal eram as aulas de informática, em que alunos puderam se transportar e inserir neste novo mundo cultural, promovido pelo acesso a internet, o qual se mostrava necessário e emergente. Para ilustrar, na Figura 5, temos uma imagem da placa de inauguração do laboratório.



**Figura 5** - Placa de Inauguração do Laboratório de Informática

Dados: Fonte de pesquisa

É importante apontar que a criação do laboratório se deu por meio de um programa do governo federal, que atendia escolas públicas que não tinham laboratório de informática.

Esse programa ficou conhecido em todo o Brasil por Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo). Ele foi criado pela Portaria nº 522/MEC, de 1997, pretendia diminuir as diferenças de oportunidade de formação entre os alunos do sistema público de ensino e os da escola particular, cada vez mais informatizada, perseguindo os seguintes objetivos:

- 1) Melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem;
- 2) Possibilitar a criação de uma nova ecologia cognitiva nos ambientes escolares mediante incorporação adequada das novas tecnologias da informação pelas escolas;
- 3) Propiciar uma educação voltada para o desenvolvimento científico e tecnológico;
- 4) Educar para uma cidadania global numa sociedade tecnologicamente desenvolvida.

A partir de dezembro de 2007, recebeu nova denominação pelo Decreto 6.300/2007, passando a chamar-se Programa Nacional de Tecnologia Educacional (Proinfo).

Este, como seus antecessores, também se voltou para a disseminação do “uso pedagógico das tecnologias de informática e telecomunicações nas escolas públicas de ensino fundamental e médio pertencentes às redes estadual e municipal” (BRASIL, 1997a), capacitando professores e atendendo os estudantes, por meio da compra e distribuição de computadores interligados à Internet.

Com o Proinfo, A Escola Municipal Paz e Amor conseguiu os computadores, recursos e atividades digitais como também conteúdos educacionais. Entretanto, vindo na mesma mão, a prefeitura de Tupaciguara era a responsável para garantir a estrutura, funcionamento e disponibilidade adequada para receber, instalar e manter o laboratório, como também capacitar os educadores para o uso destes e suas tecnologias envolvidas.

Para finalizar, salientamos que esse movimento trouxe muitos aspectos positivos para todos – estudantes e comunidade, por meio de cursos oferecidos. Com a novidade



inserida na escola e a possibilidade de conhecer um mundo então desconhecido, segundo nossos depoentes, foi responsável por trazer uma massiva aderência dos estudantes, principalmente para as aulas, ocasionando uma alta frequência, e contribuindo para a diminuição dos índices de evasão na escola.

#### **4.4 – Escola multisseriada**

Um aspecto que emerge das entrevistas de nossos depoentes são as salas de aulas multisseriadas, como percebemos no depoimento de Marilda Dias:

*“De alguns anos para cá, por volta de dez anos, começaram a implantar em algumas ocasiões salas multisseriadas, dependendo do número de alunos. Nós temos aqui uma sala multisseriada de 1º e 2º anos, por ter poucos alunos, juntam-se as salas.” (Excerto da narrativa de Marilda Dias).*

Segundo o PPP (2020), surge apenas em 2014, “uma turma multisseriada, sendo desenvolvidas as atividades pedagógicas com as turmas do 1º e 2º anos em uma mesma sala de aula e com um mesmo professor”. (PPP, 2020, p.7).

A literatura aponta que as escolas rurais contam com as turmas multisseriadas, por diferentes fatores, no entanto, apoiamos em Deoti (2018, p.24), quando diz que uma escola multisseriada é

quando os estudantes de diferentes séries ocupam uma mesma sala de aula, sob conduta de um único professor. Isso ocorre por diversos motivos, entre eles o reduzido número de estudantes em cada série, baixo número de professores e também de salas de aula disponíveis. (DEOTI, 2018, p. 24).

Para nossa interlocutora Marilda Dias, existem muitas dificuldades em se trabalhar em uma sala de aula multisseriada, como podemos identificar em sua narrativa.

*“As dificuldades de uma sala multisseriada começam no planejamento. São duas turmas diferentes, com conteúdos diferentes e ter que administrar e dar aulas diferentes ao mesmo tempo, é bastante complicado. Livros diferentes, planejamentos diferentes, plano de aula diferente, realmente são muito complicados pro professor e pros alunos também. Isso compromete o rendimento”.* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Para finalizar, em nosso modo de entender, por mais que exista todo um empenho dos órgãos públicos em querer melhorar a educação em classes multisseriadas, ainda há um longo caminho a percorrer, pois é necessário mais materiais e apoio pedagógicos, capacitação para a realidade específica local, valorização do profissional do campo, condições para os alunos chegarem à escola, e principalmente ter por parte de todos os educadores, um olhar voltado para o desenvolvimento educacional no campo.

#### **4.5 – Evasão escolar**

Não é novidade que a evasão escolar é algo bem recorrente em escola pública e tendo seu ponto acentuado caso essa escola seja rural. As diversas dificuldades no seio familiar, como êxodo rural e auxílio no trabalho na família, contribuem para que esse fato se concretize. Segundo nossa colaboradora, depoente, Marilda Dias, a

*“evasão escolar aqui sempre foi muito baixa, por ser uma escola seriada e as crianças da comunidade optar por estudar aqui, onde não tinham muitos recursos para mudar de escola. Mas devido ao alto êxodo rural, onde diminuiu muito os moradores das fazendas, devido a casas cedidas por fazendeiros foram desativadas devido a leis trabalhistas, isso fazendo com que diminuísse muito o número de alunos.”* (Excerto da narrativa de Marilda Dias).

Nos tempos mais atuais, houve uma conscientização por parte dos pais sobre a necessidade de alfabetização e conquista do diploma, seja ele de qual nível for. Assim, quando a evasão acontecia era por um motivo bastante relevante para a ocasião.

Logo, foi um ponto que voltou à tona para discussão recentemente sendo tema dentro da pandemia que nos encontramos. A Covid-19 gerou uma grande interrupção das aulas presenciais, e essa interrupção gerou algo negativo, acelerando/catalisando o distanciamento do aluno com a escola.

Levando em consideração os alunos de escola pública, estes que não conseguiam outra forma de obter conhecimento, apenas nas aulas presenciais com livros didáticos físicos, foram obrigados a parar de ter acesso aos conteúdos estudados e assim acabaram por desanimar o pouco que lhes sobrou para o acompanhamento, somado também a falta da inclusão digital. O Proinfo teria um papel fundamental caso tivesse em pleno vigor de funcionamento.

Tomados por estas observações, notamos que a evasão escolar é algo corriqueiro principalmente nas escolas públicas, em especial, as escolas rurais e devido a pandemia isso foi potencializado. Assim, esta que era uma questão antiga, voltou a acontecer pelas circunstâncias que vivemos no momento, algo que havia se tratado anteriormente de forma parcial voltou a acontecer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar minhas experiências neste documento, usando História Oral e suas metodologias, me levou a compreender e questionar muito sobre a importância desta tese, voltando-a para a escola (profissionais e alunos) para que a faça entender a importância destas memórias dos depoentes, onde se originou a criação de uma narrativa sobre o local. Isso se deve a este modo de pesquisa, que pega como plano a oralidade unida a memória pessoal como meio de pesquisa para a compreensão do estudo, sendo estas, provas criadas a partir das entrevistas. Em todos os momentos, foi de grande valia conviver com os alunos do local, visto que suas necessidades, anseios e comportamentos se diferem dos alunos de escolas urbanas.

Quando se aborda História Oral, a pesquisa se dá pela busca de informações, seja por documentos escritos, imagens e/ou se alicerça em fontes orais, versões essas vividas e testemunhadas, se tornando fortes registros históricos. Caminhando através desses conceitos teóricos e metodológicos é que encontramos em primeira situação registros oficiais nos quais podem conseguir registros históricos da Escola Municipal Paz e Amor. A investigação começou na escola, sem muito sucesso na obtenção de documentos, passando assim para a Secretaria Municipal de Educação, e por fim, após tais buscas, realizamos entrevistas com professores da escola como também visitas periódicas ao local, tentando buscar na história oral relatos dos ali encontrados.

Perante o desenvolvimento da pesquisa, buscando os testemunhos pelos entrevistados, foi executável a construção desta narrativa sobre a Escola Municipal Paz e Amor. Esta narrativa tem a capacidade de assumir um papel de documento histórico sobre a Escola Municipal Paz e Amor, assim, sendo objeto documental para a comunidade interessada.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- ALBERTI, V. **Ouvir contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção**. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2003.
- BNCC. **Proposta Preliminar: Segunda Versão**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docma/maio-2016-pdf/40791-bncc-proposta-preliminar-segunda-versao-pdf/file>. Acesso em 22 de março de 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)> Acesso em 22 mar 2022.
- BRASIL. **Legislação Informatizada - LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961 - Publicação Original**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 4 de abril de 2022
- BRASIL. **LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>, 1996. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf). Acesso em: 24 de janeiro de 2022.
- CAMARA, D. **Monitoria na escola do campo – Alunos ajudando alunos na aprendizagem da matemática**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional PROFMAT) - Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó, SC, 2017.
- CORDEIRO, R. F. L. de. **Compreensão dos conceitos de área do círculo e volume com o uso de tendências metodológicas na educação do campo**. 2020.
- DEOTI, L. M. L. **A Etnomatemática e o ensino de Geometria na Escola do Campo em interação com tecnologias da informação e comunicação**. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional PROFMAT) - Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó, SC, 2018.
- DUFECK, L. F. **Uma aplicação de modelagem matemática na educação do campo. (Dissertação de Mestrado)** Universidade Estadual de Ponta Grossa. Paraná, PA, Brasil. 2017.
- GARNICA, A. V. M. A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro. **Anais ... V CIBEM**, Porto. 2005.
- GARNICA, A. V. M. **Cartografias Contemporâneas: Mapear a Formação de Professores de Matemática**. 2014.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. da. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história Oral. Boletim de Educação Matemática (**BOLEMA**), 2010.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatísticas da Educação Básica 2007**. Brasília: Inep, 2007.

LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 2012. Tese (Doutorado em Educação para Ciência) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2012.

MARIN, D. **Uma história da criação dos primeiros cursos de formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro-Minas Gerais**. 2019. Tese (Doutorado em Educação para Ciência) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2019.

MEC. **Panorama da Educação do Campo**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaodocampo/panorama.pdf>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.

PNE. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2016/creditacao/PNE%202014-2024.pdf>. Acesso em 2 de fevereiro de 2022.

SILVEIRA, E. **Modelagem matemática em educação no Brasil: entendendo o universo de teses e dissertações**. 2007. 197p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2007.

---